

VALERÁ A PENA LER AS CARTAS ALHEIAS?

*Beatriz Berrini*¹

Ao editar há pouco tempo uma seleção das cartas de Ramalho Ortigão à mulher Emília¹, escrevia eu que, embora Portugal literariamente parecesse não se distinguir no âmbito epistolar, a recente publicação da correspondência de alguns de seus mais ilustres homens vinha alterar tal avaliação consuetudinária. Com efeito, ultimamente, sucederam-se as edições de cartas de Antero de Quental, Eça de Queiroz, Antonio Nobre etc., além de ainda conservarem-se inéditas centenas de missivas de Batalha Reis, Luiz de Magalhães, Mariano Pina, entre outros, guardadas na seção de espólios da Biblioteca Nacional de Lisboa. Edições e coletâneas que nos levam a afirmar que, pelo menos em relação aos homens da Geração de 70, Portugal também se distingue na área da correspondência, de caráter histórico e literário.

Que interesse pode ter, além do biográfico, a publicação das cartas das personalidades de uma nação? Para responder a essa pergunta, convém talvez examinar a correspondência de um grande escritor como Eça de Queiroz, que servirá como uma espécie de amostragem, exemplo que poderá ser estendido aos demais.

A leitura e o atento exame das cartas de Eça de Queiroz², proporciona ao investigador uma série de preciosas informações. Nas cartas para o seu editor Ernesto Chardron, encontramos, por exemplo, os planos queirosianos ficcionais, ou seja, o projeto das *Cenas da Vida Real*, que em

(1) Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo. Autora de vários livros sobre Eça de Queiroz.

outras missivas são denominadas *Cenas da Vida Portuguesa ou Cenas Portuguesas*.

[...] *Eu tenho uma idéia, que penso daria excelentes resultados. É uma coleção de pequenos romances não excedendo 180, 200 páginas, que fosse a pintura da vida contemporânea em Portugal [...]. A coisa poderia chamar-se "Cenas da Vida Real", ou outro qualquer título genérico mais pitoresco.*
(5 de outubro de 1877)

A esse tempo, trabalhava Eça no *Primo Basílio*, sonhava e preparava através de contatos uma edição ilustrada do *Crime do Pe. Amaro*, estava empenhado já em *A Capital*. E escrevia ao editor para propor-lhe a sua galeria de personagens da vida portuguesa contemporânea, sob inspiração do seu *mestre* Balzac...

São as referências presentes nas cartas, como se vê, que permitem inferir as datas da composição dos primeiros esboços de suas obras, bem como acompanhar sua gênese e desenvolvimento. Um dos temas obsessivos queirosianos já aparece na correspondência nesse ano de 1877: o incesto; que mais tarde será desenvolvido nos *Maias* e na obra póstuma *A Tragédia da Rua das Flores*. Essa Genoveva de 1877 (nome da heroína da *Tragédia*, aliás) propunha-se como estudo especial de uma paixão ou drama excepcional. É perfeitamente cabível inferir que o primeiro esboço de *Genoveva* — talvez até somente um esboço mental — irá transformar-se na futura *Tragédia*; que, aliás, parece ser, por sua vez, uma espécie de manancial ao qual o escritor recorre quando empenhado na elaboração de outros romances; sobretudo, ali irá procurar elementos para *Os Maias*. A aproximação entre as duas obras já foi objeto de estudos de especialistas. A correspondência, portanto, fornece material de interesse para a chamada Crítica Genética, que se propõe hoje em dia a renovar os estudos literários.

Nas cartas, acham-se ainda as avaliações do escritor a respeito da literatura em geral e sobre alguns artistas em particular. Das *Farpas* de autoria exclusiva de Ramalho Ortigão e editadas no início de 1875, Eça diz que o volume é bom, embora tenha *um aspecto geral de tristeza*, com alguma amargura e salpicos de fel. Isto quanto à feição moral do livro, pois que, em relação ao estilo, é perfeito como sempre. *V. tem neste pequeno volume pequenos quadros que são verdadeiras obras primas* (em 1 de Fevereiro de 1875). Em relação a Oliveira Martins, em carta de 26 de Abril de 1894, falará extensamente sobre *O Condestável*.

[...] *A minha primeira impressão, logo às primeiras páginas, foi de que estava no século XV, e que vivia em Lisboa, em Valverde ou nas vielas da Sé [...]. A sua beleza está em não ser quase um livro, uma coisa impressa, mas uma*

grande realidade viva, em que nada é de papel e tudo, de substância viva. É mesmo mais que uma dessas ressurreições históricas [...]

E, mais adiante, na mesma carta:

Para me desembaraçar logo do que me agrada menos, dir-te-ei que o Andeiro me parece ter traços demasiados do Mariano de Carvalho: chega mesmo a haver reminiscências. O ilustre chefe da casa dos Castros, o pobre D. Álvaro, também me parece um pouco poussé à caricatura.

Os rápidos exemplos mostram-nos, penso eu, como a correspondência de qualquer escritor, de acordo com o destinatário, pode conter frequentes e preciosas avaliações críticas.

As cartas de Eça de Queiroz permitem-nos ainda vislumbrar o cuidado exaustivo do escritor em busca de informações fidedignas, que lhe permitam por exemplo recriar a Palestina do tempo de Jesus para a sua *Relíquia*. Pede a Mariano Pina, em vista disso, que lhe compre e envie para a Inglaterra determinadas obras francesas que tratavam do assunto. O que, todavia, dele não faz um historiador, uma vez que — como diz em carta ao Conde de Ficalho (15/06/1885) — *reconstruir é sempre inventar*. Vai frequentemente ao Museu Britânico, conforme explica na mesma carta, para *indagar sobre pedras, nomes de ruas, mobílias e toilettes para a minha Jerusalém*.

Digo minha — e não de Jesus, como pedia a devoção, ou de Tibério, como pedia a História — porque ela realmente me pertence, sendo, apesar de todos os estudos, obra da minha imaginação.

Pelas cartas ficamos também a par das grandes devoções literárias do escritor, do seu juízo acerca daqueles que marcaram a sua formação e produção. A Mariano Pina, em 7 de junho de 1885, diz-se um *Hugólatra*, esclarecendo que naquela ocasião o que se deveria fazer para homenagear o ilustre poeta morto era um estudo a respeito da influência de Victor Hugo sobre a sua geração. Comove-se com a atitude de Paris, perante a morte do *divino velho*:

Que os negócios se esqueçam, as festas se adiem, uma vasta cidade pare e fale baixo porque há algures, num canto de uma avenida, um poeta que está a morrer, é um sublime espectáculo” (Ao Conde de Arnoso, 24/05/1885).

Ao traçar um paralelo entre as criações científicas e as literárias da Inglaterra e da França, mostra-se Eça objetivo, embora a *antipática Inglaterra*, como de costume, já começasse, conforme diz, a *agaçar-me os*

nervos, pois tudo na sociedade inglesa era-lhe desagradável; e apesar também de sua velha paixão pela França:

A Inglaterra exporta sobretudo idéias. E a maior parte exporta-as para a França (7/06/1885).

E passa a enumerar os nomes mais representativos da Ciência (Darwin é um exemplo), cita Spencer na filosofia, diz que a política está vivendo da idéia do oportunismo, que é inglesa. E conclui:

Daudet é um discípulo de Dickens. O naturalismo na pintura, sobretudo na paisagem, outra exportação inglesa etc.

E arremata a carta, afirmando que detesta a Inglaterra, o que não o impede de reconhecer que ela, como nação pensante, seja talvez a primeira. *Taine disse a segunda... mas Taine era francês.*

Depois de rapidamente nos debruçarmos sobre a correspondência de Eça de Queiroz, é fácil concluir que as cartas de qualquer artista são de extrema importância para o conhecimento de sua obra: fica-se a par da gestação e elaboração da produção, em prosa ou verso no caso de um escritor; toma-se conhecimento das fontes consultadas; conhece-se o juízo do emissor a respeito daqueles que mais o influenciaram e dos que mais estima ou admira, e assim por diante. Menos importante que as próprias criações do artista, a correspondência é ainda um imprescindível instrumento de trabalho para o pesquisador e estudioso.

AS CARTAS E AS INFORMAÇÕES BIOGRÁFICAS

No acervo de manuscritos do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, pude compulsar o manuscrito original de uma carta de Eça de Queiroz, provavelmente endereçada ao Conde de Sabugosa. A grande revelação que essa carta proporcionou, relaciona-se com a provável estadia do escritor em Viena — fato até então ignorado e não mencionado por qualquer biógrafo³. Esse tipo de informação terá talvez, em alguns casos, interesse relativo se o pesquisador está voltado para o estudo da obra do romancista. Aqueles que se especializaram, porém, em realizar investigações e produzir textos a respeito de determinado autor, consideram indispensável qualquer documento que esclareça um ponto duvidoso, embora exclusivamente biográfico, ou ofereça uma nova informação. O conhecimento minucioso da vida do artista possibilita, na verdade, maior compreensão de sua escrita, uma vez que permite vê-lo no seu contexto de época, familiar e social. Além de

favorecer inferências a respeito dos contatos intelectuais os mais diversos, inclusive com outras culturas.

Assim, ao examinar a correspondência familiar de Ramalho Ortigão, em especial as cartas dirigidas à mulher, pude conhecer melhor o escritor enquanto indivíduo, pertencente a um grupo e a uma sociedade: a vida familiar, o interesse obsessivo pela educação dos filhos e netos; o gosto pelas viagens, aliado a uma curiosidade e um espírito de observação incomparáveis; a grande sensibilidade artística e erudição. Pude ainda colher informações sobre os contemporâneos e, em especial, a respeito dos amigos de Ramalho Ortigão.

Entre as cartas destinadas a Emília — até há pouco inéditas — por mim selecionadas para publicação, estão aquelas que transmitem alguma informação a respeito de Eça de Queiroz (ex. carta XXI) ou que nos dão notícia de sua doença final e morte (carta XXIV e seguintes). Se Ramalho, depois de tomar conhecimento em Veneza do falecimento do amigo, não vai a Paris ou Portugal, confessa emocionado o sofrimento por tal perda.

[...] no tempo do Queiroz! Que incomparável e insubstituível companheiro que eu perdi para isto e para tudo! Quanto nos divertimos, vendo museus e vendo igrejas, correndo os armazéns e olhando para as mulheres bonitas em Paris e Londres! Ainda ultimamente na Suíça, na última excursão que fizemos, no dia em que fomos ver a aldeia do Saleve, onde habitava o Ruskin e o Wagner, que afinal lá foi morrer em Veneza, que companhia, ainda que já com esforço para ser complacente e alegre!⁴

A recordação do amigo que deixara na Suíça, mal recuperado do mal que o abatera e que o vai matar, leva Ramalho a mencioná-lo diariamente nas cartas à mulher, como se pressentisse que alguma coisa de mal e de grave se passava com ele:

Não me sai do sentido o pobre Queiroz. Que se terá passado? Veremos se em Gênova encontro notícias com mais alguns por menores sobre esse triste caso.

Isto escrevia Ramalho Ortigão a 17 de Agosto de 1900. Falecera Eça na véspera, a 16. Como se, ao completar um deles a jornada por este mundo, os dois amigos de uma vida inteira tivessem celebrado uma despedida final.

Menciona Ramalho outros companheiros. As cartas escritas em fins de 1891 e em 1892, durante sua estadia em Madrid, são interessantíssimas, quer no que diz respeito às descrições das festas natalinas espanholas ou às celebrações religiosas por ocasião da Páscoa; quer as que nos falam das celebrações do IV^o Centenário do Descobrimento da América. Com mais alguns ilustres portugueses, Ramalho passou um

longo tempo na capital espanhola, como membro da delegação lusa: Rafael Bordalo Pinheiro, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas. Os demais companheiros de delegação chegam a parecer a seus olhos como rivais, a lhe fazerem sombra. Há cartas mordazes, ferinas, compensadas pela que escreve, por exemplo, no momento da morte de Oliveira Martins (veja-se carta XXVI).

Esta última permite ao leitor completar a imagem do casal Victória e Joaquim Pedro de Oliveira Martins. Se já se sabia, pelas cartas de Eça de Queiroz endereçadas a Oliveira Martins já publicadas, da tristeza do historiador pelo fato de não ter filhos, lamentando a solidão dos últimos anos, percebemos por outro lado a delicada atenção de Joaquim Pedro em relação aos sentimentos e práticas religiosas da mulher, e, sobretudo, à serenidade com que enfrentou a morte:

[...] Ao Sousa Martins disse: Joaquim Thomas, olha que eu prometi a Victória que me sacramentava e ungia, portanto quando for a ocasião avisa para pôr em descanso a alma dela. Quando entrou na agonia perguntou ao irmão: Então, assim é que é? É assim para todos? Quanto tempo dura isto até chegar o estertor? E o irmão tinha que satisfazer... (25/08/1894).

Como se vê, a correspondência familiar de Ramalho constitui-se em fonte valiosa de informações a respeito de pessoas e de fatos contemporâneos, o que frequentemente possibilita maior compreensão e avaliação das realizações de cada um. No caso de Ramalho, favorece uma ampla e clara visão da burguesia lisboeta e da vida familiar: o patriarca e a esposa; o filho e as filhas, os genros e a nora; os netos; a educação ministrada às meninas e aos meninos; as festas, os passeios e divertimentos habituais, a atração pela cidade; as viagens, a importância de Paris para os intelectuais oitocentistas; a frequência às estações termais e balneárias; a substituição dos meios de transporte tradicionais pelo automóvel; o estado dos tesouros artísticos portugueses, e assim por diante. A leitura das cartas em paralelo com os textos literários de Ramalho permite avaliar a maior espontaneidade e interesse das primeiras, menos elaboradas, porém, mais curiosas. Tal leitura faculta também um melhor entendimento do trabalho de pesquisa e criação. A importância não se restringe, aliás, somente ao âmbito literário, podendo interessar ao historiador e sociólogo, além de outros estudiosos.

AS REVELAÇÕES DE UMA CORRESPONDÊNCIA

O trabalho que venho realizando junto à Fundação Eça de Queiroz tem-me permitido compulsar alguns manuscritos interessantes, inclusive cartas. Com efeito, a ordenação dos papéis de Eça de Queiroz veio

revelar, por exemplo, um fragmento da carta de Antero de Quental para Eça até há pouco extraviado e, portanto, inédito. Trata-se da folha de uma carta remetida pelo filósofo-poeta no início de 1880, por ocasião da nova edição d' *O Crime do Padre Amaro*. Tal carta vem sendo publicada, de forma incompleta, pela Livros do Brasil, a partir de 1969, a anteceder o citado romance.

Tal carta pode ser subdividida em três partes: uma primeira, em que o pensador felicita o amigo Eça de Queiroz pela nova versão do romance: conseguiu o autor libertar-se das imposições dos movimentos literários dominantes e da obrigação de produzir um romance de tese. Tem Eça de Queiroz, agora, as condições para criar uma obra verdadeiramente realista.

Na segunda parte, até há pouco inédita⁵, fala Antero sobre o *mérito filosófico* de *O Crime do Padre Amaro*. Suas palavras evidenciam os problemas decorrentes da educação cristã que se ministrava na época, e do Cristianismo.

Na parte final, o emissor estende-se sobre o mérito artístico da obra. Elogia o autor por se ter tornado um artista consciente do seu ofício. À parte algumas incorreções de estilo, *nunca é banal*; pelo contrário, mostra-se senhor de uma arte literária rigorosa, em que *cada palavra está porque deve estar*.

Concluindo: se na primeira parte e na terceira, fala Antero diretamente do romance, seja expondo os méritos da nova versão, seja louvando-lhe as qualidades artísticas, somente na segunda Antero parece perder de vista *O Crime* para se estender a respeito da educação cristã e do Cristianismo em geral, com severo espírito crítico. Documento, pois, de suma importância para o conhecimento das idéias anterianas.

Tive também ocasião de divulgar uma outra carta inédita de Antero para Eça⁶, de 1888. Trata-se de uma resposta do poeta ao insistente pedido do amigo para que escrevesse uma apresentação da *Revista de Portugal* para o público, no número inaugural. Responde Antero com uma negativa, porém acaba por consentir em redigir um outro tipo de colaboração. Desta forma, graças à amável insistência de Eça de Queiroz, Antero irá legar à posteridade o seu importante estudo a respeito das *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. Foi publicado nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 1890 na *Revista de Portugal*.

A gratidão de Antero a Eça, por ter sido convidado para o introito, e depois para prestar sua colaboração, não se manifestou explicitamente, porém podemos percebê-la através de indícios e de forma indireta. Repetidamente, por exemplo, sugeriu aos amigos que publicassem textos na *revista do Queiroz*. Em relação ao próprio estudo, revela a correspondência que usa Antero de expressões de confiança e de esperança. Em carta, por exemplo, a José da Cunha Sampaio⁷, diz que conta transformá-lo em *um livrinho*. Meses depois, conforme confessa a Oliveira Martins, diz-se todo entregue a leituras, a acumular pensamentos, a fim

de ter condições de completar o seu trabalho filosófico *sobre a base do qual me parece que poderei fazer um livro que já se pareça alguma coisa com um livro*. A trajetória que medeia a recusa do Prólogo e este projeto de um livro — que infelizmente não se concretizou — foi mentalmente longa e difícil, embora temporalmente breve. De início, na carta para Eça de Queiroz, dissera que não escrevia o *introito solene* porque *nada* tinha a dizer. Logo depois, na mesma carta, matiza seu pensamento ao explicar as razões do silêncio a que se impôs: o que lhe vai pelo coração é tão negativo e tão desconsolador que, — escreve ele, — *nem eu teria gosto em o pôr por escrito nem os outros em lerem tais escritos*. É desse estado de recusa da escrita por imperativo moral que Eça de Queiroz consegue arrancar o amigo Antero, por alguns meses. Levado por uma obrigação de amizade, redige o seu artigo, e reconhece (como diz em carta a Oliveira Martins) que tal trabalho *tem-me feito bem, de sorte que talvez continue, considerando sobretudo que é o único lado por onde posso ser prestável* (26/11/1889). Essa constatação permite-me aquilatar o benefício que foi para ele a solicitação de Eça de Queiroz. Por instantes, *voltou à superfície* e se entregou à tarefa de escrever, julgando-se útil aos outros. Depois, mergulhará na noite da morte, voluntariamente.

Se a carta de Antero para Eça de Queiroz é um documento que nos permite aferir a amizade entre ambos, que durou a juventude até a partida para a última viagem, a recente publicação das cartas de Eça de Queiroz para os seus filhos facultava-nos conhecer de perto e em pormenor uma faceta do romancista até há pouco conhecida imperfeitamente: Eça, um pai amável e dedicadíssimo aos seus pequenos⁸. Um Eça, na verdade, insuspeitado, para aqueles que somente conhecem o ficcionista.

A leitura das obras do romancista já fazia adivinhar alguma coisa. Delas está ausente a família completa: ora o pai, ora a mãe, ora os filhos estão ausentes⁹. Porquê o silêncio? Porque somente Joanhina, do romance póstumo *A Cidade e as Serras*, aparece fugidamente como mãe de família, ao lado do marido e da *tribo bem amada* dos filhos? A leitura desse livro, admirável de amor filial, *Eça de Queiroz entre os seus*, bem como a recente publicação das cartas de Eça à mulher Emília, davam já indícios e permitiam delinear essa nova feição do escritor. Considero que a crença na vida — apesar dela — foram os filhos que lha deram. Ainda ou até mais céptico, conservando sempre nos lábios o fino sorriso de ironia, após o nascimento dos filhos, mostra-se Eça mais compreensivo e benevolente. Continua a ver à sua volta a realidade com olhos de verdade, sem a menor tibieza ou ilusão; porém, procura antes aceitar e compreender, do que verberar e criticar com sarcasmo. As cartas para os filhos confirmaram amplamente aquilo que já era possível suspeitar.

Nas cartas para os filhos, mostra-se Eça de Queiroz afetuoso sem pieguices, antes com um leve humor muito especial; é firme nas admoestações, envolvidas em muita ternura; interessa-se pelo que as crianças

fazem, pelo que lêem, pelo que sentem física e emocionalmente — tudo isso sem deixar de ser quem é, inclusive um excelente contador de histórias. E, o que também é muito importante, revelam as cartas que o pai compartilhava com os filhos a gestação e elaboração dos seus romances. Assim, refere-se a um certo Sr. Ramires, que naturalmente o retinha longe do convívio familiar por muitas horas, cuja história os pequenos deveriam parcialmente conhecer.

A propósito de um livro póstumo de Victor Hugo, escreveu Eça certa vez que *quanto mais documentos se reúnem sobre um homem de gênio, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra*¹⁰. Palavras que endossamos. Afinal, o que vimos fazendo neste artigo, é tentar provar o que sucintamente e com autoridade, Eça de Queiroz já dissera. Terei alcançado o meu objetivo? É o que me pergunto.

Notas

1. Ramalho Ortigão: *Cartas a Emília*, com introdução, seleção, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini. Lisboa, Lisóptima ed. e Biblioteca Nacional, 1993.

2. Eça de Queiroz, *Correspondência*, 2 vols. com introdução, comentários e notas de Guilherme de Castilho. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983. Utilizamos também as cartas incluídas nos volumes 3 e 4 da *Obra Completa* de Eça de Queiroz, editada pela Lello & Irmão, Porto. A menção da data nas cartas citadas facilitará a consulta.

3. Fiz um minucioso estudo dessa carta no nº 102 da revista *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. Uma fotografia da primeira página dessa carta encontra-se sob o nº 506 em: Beatriz Berrini, *Eça de Queiroz: palavra e imagem*, Lisboa, ed. Inapa, 1989.

4. Veja-se nota 1.

5. Beatriz Berrini, *Antero de Quental — nostálgico e profético (considerações em torno da carta de Antero e Eça sobre O Crime do Padre Amaro)*, in *Actas do Colóquio sobre Antero de Quental*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

6. Beatriz Berrini, *Antero de Quental e Eça de Queiroz: sempre amigos*, in *Congresso Anteriano Internacional: Actas*. Ponta Delgada, 1993.

7. Antero de Quental, *Carta I e II*, organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, ed. Comunicação, 1989.

8. Eça de Queiroz, *Cartas para os seus filhos*, com introdução, comentários e notas de Beatriz Berrini, Lisboa, Verbo, 1992.

9. A respeito de tal assunto, veja-se: Beatriz Berrini, *Portugal de Eça de Queiroz*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, p. 155. Lê-se ali entre outras considerações: *Pai, mãe e filhos aparecem momentaneamente e como personagens secundárias, apenas. E também: A crer nos romances ecianos, portanto, a família completa, bem constituída, seria praticamente inexistente, ou muito rara.*

10. Eça de Queiroz, Crônica nº 4 dos *Ecoss de Paris*, in *Cartas de Paris*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, p. 41.